

Senado será mais polêmico

Bisol e Passarinho cedem vez a Erundina e ACM

MARCONDES SAMPAIO

Ao invés da acomodação e do brilhantismo ocasional de alguns dos seus atuais integrantes, o futuro Senado deverá ser marcado por maior vigor e representatividade. A Casa perderá nomes como Jarbas Passarinho, José Paulo Bisol, Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, responsáveis por algumas das atuações mais expressivas, registradas nos seus anais nos últimos anos. Em contrapartida, receberá, quase certamente, figuras como os ex-governadores da Bahia, Antonio Carlos Magalhães e Waldir Pires, o ex-líder do governo na Câmara, Roberto Freire, o ex-líder do PSDB, José Serra e a ex-prefeita de São Paulo, Luiza Erundina.

Ampliada com outros nomes que estão virtualmente eleitos ou que têm grandes chances de vitória, a lista dos que podem estar no Senado no próximo ano desmente, ou no mínimo torna discutíveis, as avaliações pessimistas que indicam como inevitável uma maior queda na qualidade da representação parlamentar, na próxima legislatura. São favoritos nos seus estados, entre outros, o peemedebista César Schirmer, ex-presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, os ex-governadores do Paraná, Roberto Reguião, de Santa Catarina, Vílson Kleinunbing, de Goiás, Íris Rezende e, no Rio de Janeiro, a deputada petista Benedita da Silva.

A relação dos que têm chances razoáveis chega a surpreender, incluindo a deputada petista Luci Choinaki, de Santa Catarina, representante dos sem-terra, movimento que assusta os grandes proprietários e preocupa as Forças Armadas e o ex-presidente da Contag, Francisco Urbano, do PSDB potiguar. Do PT, podem ser eleitos o economista Lauro Campos, do Distrito Federal, o ex-deputado mineiro Virgílio Guimarães e o amapaense Wagner Gomes. Do PSB, o ex-senador Roberto Saturnino, do Rio de Janeiro, e o ex-deputado Ademir Andrade, do Pará. Do PDT, o ex-prefeito de Niterói, Jorge Roberto da Silveira.

Zebra poderá ser a vitória, no Ceará, da deputada e ex-prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenelle, ex-petista, agora filiada ao PSTU, partido originado de uma das tendências mais à esquerda formada no PT, na década de 80.



Erundina é favorita em SP

Novo padrão — Para os que têm uma visão elitista, aristocrática, da instituição, faz sentido falar-se em “perda de qualidade” nesse perspectiva de uma Casa ainda mais heterogênea na origem política, ideológica e social dos seus componentes. Tal perspectiva constitui mais um sério abalo no padrão predominante até o início da década de 70 e ainda hoje idealizado pelos conservadores, de uma Casa que seria uma espécie de premiação para chefes oligarcas, políticos em final de carreira. Melhor para os que defendem o acesso ao Senado das forças populares, a maior representatividade da instituição.

Na realidade, foi a partir da eleição de 1974 que esse padrão começou a ser afetado, com a conquista, pela oposição ao regime militar, de 16 das 22 vagas disputadas na eleição senatorial. Se é verdade que vários desses 16 opositoristas tinham origem conservadora e oligárquica, é igualmente verdadeiro que outra parcela — que incluía o jurista gaúcho Paulo Brossard, o pernambuco Marcos Freire e o presidente Itamar Franco — cumpriu papel marcante no combate ao autoritarismo.

A nova composição, a ser eleita em outubro, tende a provocar uma reciclagem no estilo de atuação de uma Casa que, pela maturidade, cordialidade e, às vezes convivência dos membros, chega a ser encarada como uma espécie de “Clube de Amigos”. Não bastasse a, para alguns, malvada presença de Antonio Carlos Magalhães e do pouco polido Roberto Requião, a paz dos anciões deve ser perturbada pelo núcleo de esquerda que será ali formado no próximo ano.